

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 20 - número 39 - março 2011

vol. 20 - número 39 - março 2011

Fundação Eng. António de Almeida



ECO-GRAFIAS\*\*  
DAR À LÍNGUA: CONTRA-ASSINATURA, RE-INVENÇÃO E SOBRE-VIVÊNCIA  
OVÍDIO – DERRIDA

FERNANDA BERNARDO\*

«On n'écrit jamais tout à fait dans sa propre langue»  
J. Derrida, *Survivre*

«la trace [...] est la survie même»  
J. Derrida, «Entre le corps écrivant et l'écriture...», p. 72

«Je posthume comme je respire»  
J. Derrida, *Circonf.*, p. 28

“Ecquis adest?” et “adest” responderat Echo.  
Hic stupet, utque aciem partes dimittit in omnis,  
voce «veni!» magna clamat : vocat illa vocantem. »<sup>1</sup>

Lida a citação na língua de um outro e numa outra língua, uma citação com a qual aqui (*não*) começo e que começa, ela, à partida, notemo-lo já também, por nos confrontar com a cena da *experiência* da própria língua, da singular anterioridade e espectralidade<sup>2</sup> da língua de um outro, vinda de um outro que não por ele possuída, como vezes sem conta

---

\*\* Texto de uma conferência proferida nas *Jornadas de Estudos Internacionais*, FCSH/CEIL, **Escrever na língua do outro**, organizadas por Silvina Rodrigues Lopes e Golgona Anghel a 28 de Setembro 2010.

\* Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (FLUC).

<sup>1</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III, 379-382 – tradução minha.

<sup>2</sup> «La langue, le mot, d'une certaine manière la vie du mot, a une essence spectrale.», J. Derrida, «La langue n'appartient pas» in *Europe*, 79 année, n° 861-862, janvier-février, 2001, p. 88.

Derrida o sublinhará, tento agora traduzi-la, a esta citação, para a (dita) nossa língua, “apropriando-a” – não sem implicitamente a interpretar também e, portanto, não sem também pôr imediatamente a nu os nós da sua *intraduzibilidade*, bem reveladores da idiomaticidade e, portanto, da *singularidade* da língua de Ovídio:

«Alguém aqui está ?», «*Está*», respondeu-lhe Eco.

Estupefacto, Narciso olha em redor e grita com quanta voz tem:

“Vem!». «*Vem!*», responde-lhe ela chamando-o».

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III, 379-382

Terão reconhecido a célebre passagem das *Metamorfoses* de Ovídio relativa ao mito de Eco e Narciso – e, ao mesmo tempo, e como intencionalmente comecei por referir, não poderão deixar de não se terem também já sentido confrontados/confrontadas com a *experiência da língua* (*experiência* no sentido forte do termo, isto é, em sentido dissimétrico hetero-traumático como provação), com a desafiante experiência da própria “apropriação” ou da herança da língua, mais precisamente, e, portanto, com a problemática destas *Jornadas de Estudos* que aqui nos reúnem sob o belíssimo título de *Escrever na língua do Outro*. Título que pessoalmente li escutando-o – pois não é ler *olhar escutando*<sup>3</sup>? – na sua, pelo menos, dupla ressonância.

A saber, por um lado, escutando nele o ressoar da óbvia *questão da escrita* “propriamente dita” como se costuma dizer: da questão do escrever, de fazer ou de criar uma obra – uma obra poética, literária, filosófica ou outra – assim se fazendo um nome ou, como Derrida o dirá em *Signéponge* (1988), assim *monumentalizando*<sup>4</sup> o próprio nome. Assim *monumentalizando*, quer dizer, ao mesmo tempo assim dando nome ou renome ao nome herdado e, paradoxalmente, ao mesmo tempo assim o disseminando e apagando também, assim testemunhando a indecidibilidade

<sup>3</sup> É assim que, em Memórias de cego. O auto-retrato e outras ruínas (trad. Fernanda Bernardo, Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 2010, p. 10), Derrida define a leitura: «Fá-lo-ei observar que a leitura não procede diferentemente. Escuta olhando.»

<sup>4</sup> Para esta questão da monumentalização do nome próprio na sua dupla vertente de monumento e de apagamento (e de que a pirâmide cf. J. Derrida, «La différance» in *Marges de la Philosophie*, ed. Minuete, Paris, 1972, p. 4. é o exemplo, ao mesmo tempo tûmulo e monumento), veja-se, nomeadamente, J. Derrida, *Signéponge*, Seuil, Paris, 1988 – de onde citamos, na p. 27, a seguinte passagem: «Occupé de son nom, il a tenu compte de son engagement de sujet-écrivain-dans-une-langue, à l’œuvre. Il est toujours à l’œuvre. Avec l’effet de piège ou d’abîme supplémentaire [...] il a sans cesse expliqué, exhibé, retourné ce qu’il faisait. Et sans effacer son nom, il l’a néanmoins effacé en démontrant que la monumentalisation pierreuse du nom était une manière de perdre le nom, je dirai en anticipant un peu d’éponger sa signature.»

inerente ao *nome próprio*<sup>5</sup>. Ou à *assinatura*. Ou à própria *escrita*. Uma indecidibilidade que apaga a *singularidade* do nome, ao *monumentalizá-lo*, e que revela o nome comum que espreita por sob todo o *nome próprio*. Meditar a escrita é, não o esqueçamos, meditar o apagamento – meditar aquilo que ilegibiliza ou o que assim é tornado ilegível, mas não sem ao mesmo tempo assim sobreviver (survivre).

E disse fazer obra<sup>6</sup>, uma obra poética, literária ou outra, porque, no tecido da sua mais indelével e obsidiante invisibilidade<sup>7</sup>, como é o da língua, e portanto no corpus da sua originária e irredimível spectralidade (que, entre outras coisas, significa e nos significa a perda inelutável da origem, a perda da primeira palavra), a sua experiência é, como Derrida<sup>8</sup> no-lo ensina, uma experiência originária, melhor, aqui-originária *comum* à poesia, à literatura, à filosofia e às artes em geral – discursivas ou não<sup>9</sup>. Sim, sim, também à filosofia que no entanto, determinantemente, como a sua história bem o comprova, o esquece ou o denega<sup>10</sup>. Ora, não é sequer preciso invocar Derrida – embora também! – para lembrar, para além de qualquer linguisticismo ou nacionalismo, que a filosofia se escreve numa herdada língua e que, como Adorno bem o refere, citando Ulrich

<sup>5</sup> «Le nom est l'appellation d'une singularité mais aussi, dans la possibilité de répéter cette appellation, c'est l'effacement de cette singularité. Nommer et faire disparaître le nom, ce n'est pas forcément contradictoire.», J. Derrida, «Passages – du traumatisme à la promesse» in *op.cit.*, p. 403. E ainda: «l'unique a beau être unique, il se répète et se garde – dans son intacte singularité. Il se garde en se multipliant – exemplairement.» J. Derrida, *De la couleur à la lettre* in *Atlan*. Grand format, Gallimard, Paris, 2001, p. 26.

<sup>6</sup> «Qu'est-ce que c'est qu'une œuvre? Créer une œuvre, c'est donner un nouveau corps à la langue», J. Derrida, «La langue n'appartient pas» in *EUROPE*, 79 ième année, n° 861-862, janvier-février, 2001, p. 90.

<sup>7</sup> «É sempre preciso lembrar que a palavra, o vocábulo se ouve e se entende [*entend*], que o fenómeno sonoro permanece invisível enquanto tal. [...] A linguagem fala-se, o que quer dizer *da cegueira*. Ela fala-nos sempre *da cegueira* que a constitui.», J. Derrida, *Memórias de Cego*, p. 12.

<sup>8</sup> «Ce qu'on appelle poésie ou littérature, l'art même [...] autrement dit une certaine expérience de la langue, de la marque ou du trait *comme tels*, ce n'est peut-être qu'une intense familiarité avec l'inéluctable originarité du spectre.», J. Derrida, *Schibboleth, pour Paul Celan*, Galilée, Paris, 1986, p. 96.

<sup>9</sup> Penso aqui, sobretudo, no desenho e na pintura: «On se demande si une peinture peut jamais se déjouer des lettres, sinon du vocable.», J. Derrida, «Sauver les Phénomènes» in *Contretemps*, (T.R.A.N.S.I.T.I.O.N., L'Âge d'Homme), n° 1, 1995, p. 18.

<sup>10</sup> «[...] quelle que soit la complexité du travail opéré par le philosophe dans sa langue, soit qu'il l'assume, soit qu'il la dénie, soit qu'il la transforme, l'expérience de pensée est aussi affaire de langue ; elle ne peut pas simplement feindre qu'il n'y a pas de langue en jeu dans l'expérience philosophique.», J. Derrida, «Passages – du traumatisme à la promesse» in *Points de Suspension*, p. 388.

Sonnemann, «não há grande filósofo que não seja um grande escritor». «E como ele tem razão!», exclama Derrida, citando-os<sup>11</sup>... Uma razão à qual o seu pensamento e a sua obra tanto *dão razão* como eu gostaria de ser capaz, se vier a ter tempo, de aqui o tentar mostrar – com efeito, se parto aqui da leitura de um fragmento de um texto literário clássico que como que “performativo-desconstrutivamente” nos dá *a escutar, a pensar a hipótese* filosófica da *experiência dissimétrica*, duplamente dissimétrica da “ex-apropriação da língua” – e *hipótese* porque o que ela nos diz é justamente aquilo que interdita a tese! a saber a alienação ou a expropriação originária da língua –, é na intenção de, num segundo momento, mostrar como na *ex-apropriação idiomática* de uma expressão vulgaríssima da língua francesa – *c’est pas demain la veille* – tal como Eco, Derrida não só reinventa a língua, a sua língua, que contra-assina, como na sua contra-assinatura inventiva desta expressão, *c’est pas demain la veille*, transparecem as coordenadas filosóficas que dão conta tanto da *hyper-radicalidade* do seu pensamento filosófico e do seu respectivo alcance “ético-político-democrático” como do seu registo aporético, irreduzivelmente aporético, assim mostrando, por um lado, que, sem nacionalismo, sem qualquer tentação de ideologia nacionalista, a filosofia *se fala* ou *se escreve sempre* numa *herdada* língua que não pode deixar de contaminar a sua pretensa sacra conceptualidade, e de limitar seriamente a sua pretensão ao estrito teorismo; e assim logrando por outro lado mostrar que um grande filósofo é também exemplarmente sempre um grande escritor. Um filósofo, como Derrida, para quem a re-invenção da língua é como que o paradigma da invenção<sup>12</sup> – se invenção há e quando a há. Um filósofo que, por todo o lado na sua obra, declara a intensidade do seu amor pela língua, pela língua francesa<sup>13</sup>; um filósofo que, quase na véspera da própria morte, ousou confessar que, «Deixar rastros na história da língua francesa», *era o que lhe interessa. Que vivia daquela paixão*<sup>14</sup>; um filósofo que declarou que se tivesse inventado a sua escrita «tê-la-ia feito como uma revolução interminável»<sup>15</sup>, isto é, como

<sup>11</sup> A citação chega-nos através de J. Derrida, que a faz em Fichus (Galilée, Paris, 2002, p. 27): «Pas de grand philosophe [...] qui ne soit un grand écrivain. Et comme il a raison!».

<sup>12</sup> «comme si on assistait là à l’invention de l’invention.», J. Derrida, «Psyché. Invention de l’autre» in Psyché. Inventions de l’autre, Galilée, Paris, 1986, p. 47.

<sup>13</sup> «Suponho que se amo esta língua como amo a minha vida [...] é porque a amo como um estrangeiro que foi acolhido, e que se apropriou desta língua como da única possível. Paixão e sobrelanço.», J. Derrida, Aprender finalmente a viver, trad. Fernanda Bernardo, Ariadne, Coimbra, 2005, p. 38-39.

<sup>14</sup> Ibid, p. 38.

<sup>15</sup> Ibid, p. 31.



uma interminável, uma in-finita re-invenção a revolucionar o construído; um filósofo para quem pensar e escrever, melhor pensar a escrever foi indissociável da tarefa de pensar a língua na qual escrevia, que contra-assinou, incisou, marcou, idiomatizou *com ela e nela* criando um *novo idioma* – o inconfundível francês de Derrida, algo assim como um francês, no próprio francês a quem logrou dar um *corpo novo* fazendo *obra*. É aliás assim que Derrida define o escritor – mormente o poeta (que nele, como em Heidegger, embora diferentemente, anda a par do pensador)

«Chamo poeta», diz, «àquele que deixa a passagem a eventos de escrita que dão um corpo novo a esta essência da língua, que a fazem aparecer numa obra.» E explicita: «Criar uma obra é dar um corpo novo à língua»<sup>16</sup>

Por outro lado, este título – *Escrever na Língua do Outro* – não pode igualmente deixar de me dar a ouvir e a pensar a cena universal da “apropriação” da própria língua – a cena da nossa *incondição* de herdeiros *da* língua e *na* língua, de herdeiros enlutados, como, por condição e definição, o são todos os herdeiros, (herdeiros que somos da língua para, como tão magnificamente no-lo lembrou Hölderlin<sup>17</sup>, o testemunharmos: para com ela testemunharmos a nossa “incondição” de herdeiros, justamente), e portanto a própria cena daquilo a que, no âmbito do pensamento e da obra de Jacques Derrida, se chama *escrita*. Ou *arqui-escrita*. Marca ou rastro (*trace*).

Este título, *Escrever na Língua do Outro*, não pode de facto deixar de ressoar também a um ouvido derridianamente timpanizado<sup>18</sup> como a cena da própria *fala* (subtraída, claro, ao seu tradicional registo fonológico ou fonologocêntrico<sup>19</sup>): com efeito, o que é a *escrita*, em sentido derridiano, o que é a *arqui-escrita* senão a *escrita*, isto é, o apagamento, o silêncio,

<sup>16</sup> «J'appelle poète celui qui laisse le passage à des événements d'écriture qui donnent un corps nouveau à cette essence de la langue, qui la font paraître dans une œuvre. [...] Créer une œuvre, c'est donner un nouveau corps à la langue», J. Derrida, «La langue n'appartient pas» in op.cit., p. 90.

<sup>17</sup> «[...] nous héritons de cela même qui nous permet d'en témoigner. Hölderlin appelle cela, lui, le langage, «le plus dangereux des biens», donné à l'homme «afin qu'il témoigne avoir hérité / ce qu'il est (damit er zeuge, was er sei / geerbt zu haben)», J. Derrida, *Spectres de Marx*, p. 94.

<sup>18</sup> Para esta questão, cf. J. Derrida, «Tympan» in *Marges de la philosophie*, Minuit, Paris, 1972, P. I-XXV.

<sup>19</sup> Derrida lembra e afirma: «Or dans ce logos, le lien originaire et essentiel à la phonè n'a jamais été rompu. [...] l'essence de la phonè serait immédiatement proche de ce qui dans la «pensée» comme logos a rapport au «sens», le produit, le reçoit, le dit, le «rassemble».», J. Derrida, *De la Grammatologie*, Minuit, Paris, 1967, p. 21.

a ausência, a elipse, a rasura, o branco, o desvio, o gesto, o acento ou o sotaque, o canto, o tom, o timbre, ... *na própria fala? Timbrando*, isto é, singularizando, idiomatizando, heterogeneizando, pluralizando a própria *fala*, a própria *língua falada*<sup>20</sup> que, justamente por isso, é sempre, e desde sempre, em si própria, na sua singular im-propriedade, «*plus d'une*»? *Mais de uma. Nem uma* – nem (sequer) uma *una: unidéntica!* Pois não é a *experiência da língua*, da impossível “apropriação” da língua pelos «tarde chegantes», que somos, a *experiência da não-identidade a si da língua e da pluralidade da própria voz?* A experiência do «*plus d'une langue*» que é também, permitam que o lembre aqui de passagem, para além da referência à “não-unidentidade” a si da língua (não há A língua! Nunca ninguém viu uma língua na natureza! ...) uma das muitas definições dadas por Derrida da *desconstrução* – da sua *desconstrução*. É em *Mémoires, pour Paul de Man* (1988) – lembremo-la aqui:

«Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da desconstrução, breve, elíptica, económica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *plus d'une langue.*»<sup>21</sup>

Finalmente, lembrando-nos à experiência universal de *apropriação* ou, e mais precisamente, de *ex-apropriação* da língua – como Derrida lhe há-de chamar a fim de realçar o desafio apaixonado do seu registo contraditório<sup>22</sup>: e registo contraditório, porque é justamente a *expropriação* ou a alienação aqui-originárias da língua que dita a paixão ciosa da sua *apropriação* – uma tal experiência não deixa de configurar também a (*experiência*) da própria *identificação* do «eu» ou do dito «sujeito» – uma *experiência in-finita de não-identidade a si*, como o filósofo a designará em «*Il faut bien manger...*», aqui pensada – aqui, quero dizer,

<sup>20</sup> «[...] le langage est d'abord [...] écriture.», *ibid*, p. 55.

<sup>21</sup> «Si j'avais à risquer, Dieu m'en garde, une seule définition de la déconstruction, brève, elliptique, économique comme un mot d'ordre, je dirais sans phrase : plus d'une langue.», J. Derrida, *Mémoires, pour Paul de Man*, Galilée, Paris, 1988, p. 38.

<sup>22</sup> «Il faut signer un héritage, contresigner un héritage, c'est-à-dire au fond laisser sa signature à même l'héritage, à même la langue qu'on reçoit. Cela, c'est une contradiction : on reçoit et en même temps on donne. On reçoit un don mais pour le recevoir en héritier responsable, il faut répondre au don en donnant autre chose, c'est-à-dire en laissant une marque sur le corps de ce qu'on reçoit. Ce sont des gestes contradictoires, c'est un corps à corps: on reçoit un corps et on y laisse sa signature. Alors, est-ce qu'il faut fuir, éviter la contradiction ou est-ce qu'il faut arriver à rendre compte de ce qui a eu lieu, ou à justifier ce qui est, c'est-à-dire cette expérience de la langue? Moi, je choisis la contradiction, je choisis de m'exposer à la contradiction.», J. Derrida, «La langue n'appartient pas» in *op. cit.*, p. 89.

neste registo teórico, na desconstrução derridiana<sup>23</sup> – a partir da língua ou por relação com a singular arqui-originariedade e espectralidade da língua do outro, que põe também imediatamente a nu a *experiência da originariedade do luto*<sup>24</sup>, em razão de uma tal *experiência* não ser senão a da própria inapropriabilidade da língua – que não *há* nem é nem *pertence*. É que, em sede derridiana, o luto não ocorre apenas no instante mortífero da perda de alguém – ou de algo. Não. O luto, que – repensando<sup>25</sup> a sua teorização por Freud – Derrida designa de *impossível* (ou *melancolia*), de *luto impossível* como o único que é fiel e respeitador da alteridade do outro, é originário – tanto se encontra na origem do «eu» como na da «escrita». Encontra-se, numa palavra, na origem da *relação* do “eu” (de um “eu” que é originária ou arqui-originariamente relação) à alteridade em geral – seja ela a alteridade ab-soluta de um vivente humano ou não. Por isso a escrita, *toda a escrita* é um véu de luto – toda a escrita está *nas vezes* do luto, da impossibilidade do luto, que testemunha. Que revela e re-eleva (mas sem dialectização ou sublimação). Luto que, como também pela via da *melancolia* Aristóteles\* o referiu, se encontra na origem da criação, melhor, da invenção – e melhor, em razão da conotação teológica ou onto-teológica do conceito de criação.

E é esta problemática, esta como que dupla problemática, que eu escuto no sintagma que intitula as nossas *Jornadas* que, a meu ver, exemplarmente se testemunha no fragmento das *Metamorfoses* relativo ao mito de Eco e Narciso, que comecei por citar, e sobretudo, sobretudo na figura de Eco, a ninfa a quem, como sabemos, havia sido traçado um estranho destino – um destino que, no fundo, se confunde com o do vivente humano na sua originária condição de *infans* (o que não fala, o afásico) in-finitamente obrigado à *apropriação impossível* da língua do outro – seja na *experiência* do mais comum dos viventes, seja na *experiência genialmente inventiva* da língua<sup>26</sup>, aquela que logra re-inventar a língua, tatuando-a singularmente,

<sup>23</sup> Veja-se, Derrida, O Monolinguismo do Outro, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2001, p. 26.

<sup>24</sup> «[...] le deuil n’attend pas la mort, il est l’essence même de l’expérience de l’autre comme autre, d’une altérité inaccessible et qu’on ne peut que perdre en l’aimant – ou aussi bien en la haïssant. On est toujours endeuillée d’autrui.», J. Derrida, Séminaire. La bête et le souverain. Volume II (2002-2003), Galilée, Paris, 2010, p. 242.

<sup>25</sup> Veja-se, nomeadamente, J. Derrida, *Carneiros*, ed Palimage, Coimbra, 2008.

\* Aristote, *Problemata, Aristotelis Opera*, I. Bekker ed., Oxonii e Typographeo Academico, 1831, vol. II, 1953 a 10 sq. Citado por M. Heidegger, *Die Grundbegriffe der Metaphysik, Gesamtausgabe II*, vol. 29-30, F-W von Herrmann ed., V. Klostermann, Frankfurt, 1992, p. 271.

<sup>26</sup> «La génialité du génie, s’il y en a, nous enjoint en effet de penser ce qui soustrait



dando-lhe assim um corpo novo. Aquela que logra bem *DAR À LÍNGUA*, diria eu nesta extraordinária expressão da nossa língua que mais adiante explorarei na rica ressonância da sua significação para tentar também mostrar como exemplarmente Derrida *deu à língua francesa*, isto é, *a contra-assinou e a re-inventou* na sua obra – ou assim fazendo obra (*obra* que ele também nos ensina a repensar no rasto de Lévinas).

Com efeito, descontente com a sua língua tagarela, consta que Hera havia despoticamente retirado a Eco o dom da fala. Que o mesmo é dizer, havia-a desapossado da língua, obrigando-a a falar sempre a seguir a outrem. Eco estava obrigada a *sujeitar-se* à lei da língua, ou seja, estava obrigada a falar *no eco* e como um *eco* da língua *de* outrem: tinha de esperar que outrem falasse, *primeiro*, para, *depois*, *a seguir pois*, numa instância de secundariedade (que é, no fundo, a do *ser-herdeiro* ou a do simples mortal), falar *por sua vez*, *respondendo* a essoutra *como que* primeira voz.

Situação que desenha, notemo-lo, um conjunto de coordenadas teóricas que, embora sumariamente, fazemos questão de salientar para, através delas e da leitura deste fragmento literário clássico, darmos conta da *experiência da língua*, sempre tão poética, ou literária, quanto filosófica, como Derrida refere, de que ele é a cena exemplar, salientando a fonte comum da *literatura*, do *poemático* e do *pensamento* filosófico – e *ipso facto* a sua *singular* intersecção e contaminação e o seu singular alcance “ético-político”: fonte comum que, notemo-lo também, está na origem das críticas endereçadas a Derrida, e segundo as quais ele confundiria literatura e filosofia: uma crítica que, como é sabido, esteve na origem do episódio «Habermas» e a mim me impediu, em tempos, de fazer uma tese de doutoramento na área da Desconstrução. Derrida não era, diziam, um filósofo...

Assim, por um lado e em primeiro lugar, a situação de Eco desenha a cena da primazia ou da singular *originariedade* da língua *do* outro – língua *do* outro no sentido de vinda do outro (que não possuída pelo outro), como a própria *vinda* e a própria *lei do* outro: uma situação inerente à condição ou – como Lévinas a predica, elevando-a a um quase filosofema – à *incondição* do vivente humano. A sua *incondição de infans*.

«A minha língua», escreve Derrida em *Le Monolinguisme de l'Autre*, «a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro.»<sup>27</sup>

---

une singularité absolue à la communauté du commun, à la généralité ou à la généricité du genre et donc du partageable. [...]», J. Derrida, *Genèses, Généalogies, Genres et le Génie*, Galilée, Paris, 2003, p. 9.

27 J. Derrida, *O Monolinguismo do Outro*, p. 39.

E ainda – e ainda na mesma obra:

«[...] não falamos senão uma língua – e [...] não a *temos*. Não falamos nunca senão uma língua – e ela é dissimetricamente, a ele regressando, sempre, do *outro*, do outro, guardada pelo outro. Vinda do outro, permanecendo do outro, ao outro reconduzida.»<sup>28</sup>

Por outro e *ipso facto*, dir-se-á, a situação de Eco desenha também a cena da *desposseção originária* da língua ou daquilo a que, em o *Monolinguismo do Outro*, Derrida chamará «“alienação” originária»<sup>29</sup>, uma “alienação *sem alienação*” (e alienação sem alienação porque, no fundo, ela não aliena nada de *próprio* ou *como tal*) que «institui toda a língua como língua do outro»<sup>30</sup>. Situação que, notemo-lo também, deita por terra a suposta *propriedade, identidade e maternalidade* da língua – não sem lembrar também «os desastres em direcção aos quais a invocação encantatória da língua materna precipitou os homens»<sup>31</sup>. Ou seja, não sem lembrar também o alcance político do suposto monolinguismo que não passa, afinal, de uma ficção. Ou de um *phantasma*. Soberano e de soberania.

«[...] uma língua não pertence. Mesmo quando não se tem senão uma língua materna e se está enraizado no seu local de nascimento e na sua língua, mesmo nesse caso, a língua não pertence. Que ela não se deixe apropriar, isso deve-se à essência da língua. Ela é, a língua, aquilo mesmo que não se deixa possuir mas que, por esta razão, justamente, provoca todo o tipo de movimentos de apropriação.»<sup>32</sup>

<sup>28</sup> Ibid, p. 57.

<sup>29</sup> «Tal como a “falta”, esta “alienação” originária parece constitutiva. Mas ela não é nem uma falta nem uma alienação, não tem falta de nada que a preceda ou a siga, não aliena nenhuma ipseidade, nenhuma propriedade, nenhum si que tenha alguma vez podido representar a sua véspera. E ainda que esta injunção intime desde sempre para sempre, nada mais “nela existe”, jamais, para velar pelo seu passado ou pelo seu porvir. Esta estrutura de alienação sem alienação, esta alienação inalienável não é apenas a origem da nossa responsabilidade, ela estrutura o próprio e a propriedade da língua.», *ibid*, p. 39-40.

<sup>30</sup> Ibid, p. 96.

<sup>31</sup> Ibid, p. 49.

<sup>32</sup> «[...] une langue n'appartient pas. Même quand on n'a qu'une langue maternelle et qu'on est enraciné dans son lieu de naissance et dans sa langue, même dans ce cas-là, la langue n'appartient pas. Qu'elle ne se laisse pas approprier, cela tient à l'essence de la langue. Elle est, la langue, cela même qui ne se laisse pas posséder mais qui, pour cette raison même, provoque toutes sortes de mouvements d'appropriation.», J. Derrida, «La langue n'appartient pas», p. 85.

Por outro lado, e *ipso facto* ainda, e finalmente, a situação de Eco desenha também a cena da *paixão originária* pela língua – paixão essa que desencadeia no «eu» a sua in-finita ex-apropriação: *uma paixão*, um insaciável desejo pela língua que não se possui que se encontra, justamente, na gênese da sua *re-invenção*, na gênese da sua *contra-assinatura re-inventiva* e, portanto, na gênese da escrita, da *obra* e da *sobrevivência (Survivance)*. Derrida di-lo assim em *O Monolinguismo do Outro*:

«Sou monolinguê. O meu monolinguismo demora-se e eu chamo-lhe a minha morada, e sinto-o como tal, nele me demoro e nele habito. Ele habita-me. O monolinguismo no qual respiro é mesmo para mim o elemento. [...] um meio absoluto. Inultrapassável, *incontestável*: não posso recusá-lo senão atestando a sua omnipresença em mim. Ele ter-me-á sempre precedido: sou eu. Este monolinguismo, para mim, sou eu. [...] Ele constitui-me, dita-me mesmo a ipseidade de tudo, prescreve-me, também, uma solidão monacal, como se quaisquer votos me tivessem ligado a ele antes mesmo de ter aprendido a falar. Este solipsismo inexaurível, sou eu antes de mim. Para sempre.

Ora jamais esta língua, a única que assim estou votado a falar, enquanto falar me for possível, e em vida e na morte, jamais esta língua única, estás a ver, virá a ser minha. Nunca na verdade o foi.

Percebes assim a origem dos meus sofrimentos, uma vez que esta língua os atravessa de parte a parte, e o lugar das minhas paixões, dos meus desejos, das minhas preces, a vocação das minhas esperanças. [...]

Mas antes de tudo e acima de tudo, eis o duplo gume de uma lâmina afiada que gostaria de te confiar, quase sem palavras, eu sofro e fruo com isto que te digo na nossa língua comum:

“*Sim, eu não tenho senão uma língua, ora ela não é minha.*”<sup>33</sup>

E ainda – estoutra passagem onde se pode igualmente escutar uma outra como que redefinição de “escrita”:

«A “escrita”, sim, designaríamos assim, entre outras coisas, um certo modo de apropriação amante e desesperada da língua, [...] a vingança amorosa e ciumenta de uma nova domesticação que tenta restaurar a língua, e crê ao mesmo tempo reinventá-la»<sup>34</sup>

E porque uma tal *paixão* se encontra na gênese da *contra-assinatura re-inventiva* da língua, e portanto na gênese da *escrita*, da *obra* e da própria *sobrevivência (survivance)*, ela encontra-se também, em razão da *dupla*

<sup>33</sup> Ibid, p. 14.

<sup>34</sup> Ibid, p. 48.

*dissimetria* desenhada pela precedência espectral e injuntiva da língua, na origem da própria *experiência de identificação e de monumentalização* do nome próprio: a que Derrida também chamará «circuncisão», e que dirá comum ao homem e à mulher<sup>35</sup> – uma “circuncisão” simultaneamente da língua e do corpo. Da língua que marca o próprio corpo:

«desde que procurando uma frase, eu me procuro numa frase, sim, eu, e desde um período circumrevoluto no fim do qual eu digo eu e que tem, enfim, a forma, minha língua, uma outra, daquilo em redor do qual eu rodei, de uma perífrase a outra»<sup>36</sup>

No entanto, a *paixão* que co-responde à desposseção originária da língua não se encontra apenas na origem da *contra-assinatura re-inventiva* da língua, e portanto na gênese da *escrita* e da *obra*. Não. Ela encontra-se também na origem da voracidade nacionalista de imposição soberana, colonial e/ou imperialista, da língua. E é, sublinhemo-lo também, o alcance “político” desta *desposseção e paixão* originárias pela língua. Perturbante – como não confessá-lo? – não deixa de ser perceber que a criação e a dissidência pela arte têm a mesma fonte da imposição soberana, imperialista ou colonialista, da língua – brotam ambas desta desposseção originária da língua e da paixão ciosa, que ela desencadeia, pela sua *impossível apropriação* – pela sua *in-finita ex-apropriação*: in-finita, quero dizer, infinitamente finita, como infinitamente finita é a própria *différance*<sup>37</sup>.

Mas sublinhada a *incondição* de Eco, aquela que, como Derrida diz em *Politiques de l’Amitié* (1994), «toma a palavra com as palavras do outro, aquela que toma o outro à letra»<sup>38</sup>, atentemos agora na sua astúcia – uma astúcia que, notemo-lo também, não deixa de dar conta de uma genialidade<sup>39</sup> ou de uma sublimidade à medida do humano! Com efeito,

<sup>35</sup> Cf. J. Derrida, *Schibboleth*, Galilée, Paris, 1986, caps. VII, p. 97-113, de onde destacamos na p. 99: «Tout homme alors est circoncis. Traduisons [...] donc aussi tout femme».

<sup>36</sup> «depuis que cherchant une phrase, je me cherche dans une phrase, oui, je, et depuis une période circonrévolue au bout de laquelle je dise je et qui ait la forme enfin, ma langue», J. Derrida, «Circonfession», p. 14.

<sup>37</sup> «L’apparaître de la différence infinie est lui-même fini. [...] *La différence infinie est finie*», J. Derrida, *La voix et le phénomène*, PUF, Paris, 1993, p. 114.

<sup>38</sup> J. Derrida, *Políticas da Amizade*, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003, p. 38. O filósofo cita e comenta também esta passagem das *Metamorfoses*, que aqui tomámos como ponto de partida, em *Vadios*, trad. Fernanda Bernardo, Hugo Amaral, Gonçalo Zagalo, Palimage/Terra Ocre, Coimbra, p. 30-31.

<sup>39</sup> Lembremos que, para além de marca da singularidade, Lévinas pensa a genialidade em termos de posseção: «L’homme de génie: deux – il est possédé.», E. Lévinas, *Carnets*

*fingindo* repetir a última palavra de Narciso, Eco profere afinal outra coisa, assim subtraindo a sua fala à simples repetição: fala de forma inaugural, assinando, melhor, *contra-assinando nesse instante* a língua de Narciso em seu próprio nome – ou seja, no *eco* da palavra de Narciso, como um eco da palavra de Narciso, e atestando de viés a impossibilidade do próprio narcisismo<sup>40</sup>, no *eco* de uma palavra narcísica, sim, é certo, mas como um *eco* que, na verdade, lhe responde, *contra-assinando-a* e re-inventando-a, emerge de facto uma *palavra nova*, um *novo idioma*, um *nome próprio*: *Eco*.

Escutem de novo:

«Alguém aqui está ? », «Está», respondeu-lhe Eco.

Estupefacto, Narciso olha em redor (volta ou círculo odisseiaco-narcísico!) e grita com quanta voz tem:

«Vem!». «Vem!», responde-lhe ela chamando-o».

Desobedecendo à injunção soberana de Hera ou, e por outras palavras, «dando a volta» à incondição do seu destino – o destino da própria finitude, o destino do ser-herdeiro ou do vivente humano, em todo o caso o destino daquele que vem depois, daquele que vem a seguir (*je suis*) –, Eco *assumiu* a iniciativa de *falar*, isto é, de *responder*, respondendo, melhor, co-respondendo em *seu nome* (“*Vem!*”) à palavra (*apelante*) de Narciso (“*Vem!*”). E, tal fazendo, Eco faz três coisas intimamente imbricadas – três coisas que eu faço questão de enfatizar aqui. A saber:

A primeira, re-inventa a língua herdada através da sua *assinatura idiomática*, isto é, através da enxertia ou da inscrição da singularidade da sua voz na língua ex-apropriada de Narciso – vinda de Narciso o que nos permite salientar o liame da *contra-assinatura* e da *re-invenção* da língua herdada na sua relação com aquilo a que Jacques Derrida há-de chamar *sobre-vivência* (*survivance*) – um “conceito original” que constitui a estrutura do “sujeito” ou do “existente mortal”, tal como da *marca* ou do *rastro* (*trace*). O que é a «sobrevivência»? Esta sobrevivência, que desconstrói a bipolaridade vida-morte dando conta da sua contaminação e da inevitável melancolia do vivente na sua inevitável condição de sobrevivente? Pois bem, a “sobrevivência” é a fidelidade ao que (nos) acontece, é o dizer “sim” à vida – *a desconstrução derridiana é um pensamento da afirmação, da afirmação viva ou em carne viva da vida*,

*de Captivité et autres inédites*, Grasset/IMEC, Paris, p. 173.

<sup>40</sup> Cf. J. Derrida, «‘Il n’y a pas le narcissisme’ (autobiophotographies)» in *Psyché – Inventions de l’Autre*, Galilée, Paris, 1987, p. 209-228.



*não o esqueçamos* –, é o dizer “sim” aos eventos que batem e tecem a vida, *uma vida, dando-lhes língua*, isto é, escrevendo-os, arquivando-os pela escrita e na escrita a fim de impedir a sua perda sem resto. Um arquivo que no entanto só os guarda perdendo-os – a perdê-los *como tal*. Em *Aprender finalmente a viver*, Derrida explicita nos seguintes termos a “sobrevivência”, tanto por relação com o conceito de tradução de Walter Benjamin como, notemo-lo também, com o sentido corrente ou vulgar da expressão:

«Sempre me interessei por esta temática da sobrevida [survie], cujo sentido *não se acrescenta* ao viver e ao morrer. Sobreviver em sentido corrente quer dizer continuar a viver, mas também viver *depois* da morte. A propósito da tradução, Benjamin sublinha a distinção entre *überleben*, por um lado, sobreviver à morte do autor, ou uma criança à morte dos pais, e, por outro lado, *fortleben, living on*, continuar a viver. Todos os conceitos que me ajudaram a trabalhar, nomeadamente o do rastro [trace] ou do espectral, estavam ligados ao “sobreviver” [“survivre”] como dimensão estrutural e rigorosamente originária. E que não deriva nem do viver nem do morrer. [...] A sobrevivência [survival] é a vida para além da vida, a vida mais do que a vida»<sup>41</sup>

A segunda coisa, mostrando que, apesar *da passividade*, inerente à *secundariedade* que é própria a Eco, como ao vivente humano na sua condição de mortal *ou* de finito *ou* de herdeiro (uma *singular* passividade, aliás, porque, anterior à bipolaridade tradicional da actividade e da passividade, ela não é aniquilante, uma vez que não é impeditiva de Eco vir a desenvolver uma acção – uma tal passividade é uma *passividade activa*, uma “*passiactividade*”, como Derrida<sup>42</sup> a há-de designar em *Demeure, Athènes*), *falar é responder*<sup>43</sup>: *responder-a*, (a alguém), *responder-diante-de* e *responder-por* (por si, isto é, na sua vez). O que, para além de nos permitir salientar a eticidade, melhor, a meta-eticidade inerente à re-invenção, inerente ao gesto inventivo, permitindo-nos repensar a partir dela tanto as *estéticas* como as *críticas* e as *filosofias da arte*, nos permite também salientar o facto de a *experiência de ex-apropriação re-inventiva da língua*, isto é, a experiência do *dar à língua* (do outro), ser simultaneamente uma *experiência e de responsabilidade arquioriginária* (arqui-originária porque,

<sup>41</sup> J. Derrida, *Aprender finalmente a viver*, p. 26, 56.

<sup>42</sup> J. Derrida, *Demeure, Athènes*, Photographies de Jean-François Bonhomme, Galilée, Paris, 2009, p. 58.

<sup>43</sup> «Quelle que soit ma maîtrise discursive, je suis soumis à la fois au langage et à la structure de promesse qui fait que le langage est adressé, et que, par conséquent, il répond à l'autre. Et c'est là que je suis responsable avant même d'avoir choisi ma responsabilité.», J. Derrida, «Passages – du traumatisme à la promesse» in *op. cit.*, p. 398.

independentemente do nosso querer, nos encontramos *a-priori* obrigados a algo que é nosso dever salva-guardar) *e de irresponsabilidade* que, por sua vez, nos permite repensar o *irredentismo* do, chamemos-lhe, “acto ou gesto criador” e, *ipso facto*, o alcance *singularmente* político, revolucionário, da literatura, da poemática, do pensamento e da’s arte’s. Não menos que o seu carácter “monstruoso”, isto é, nunca visto e, por isso, a nível imediato, pelo menos, intolerável, inaceitável e incompreensível.

Finalmente, Eco mostrará também ainda que a *língua fala no modo do apelo*. Com efeito, detendo embora a primazia, dando embora língua à língua, sendo embora a condição para dar à língua, a própria língua de Narciso fala também no modo do *apelo* – fala apelando: «*Vem!*».

Por sua vez, a língua que lhe *responde, responde-lhe* no mesmo *tom*, dando assim *por sua vez* (assim, isto é, *ecografando-a*) língua à língua (assim *bem*) herdada – também Eco lhe responde no modo do *apelo*, da injunção, que o mesmo é dizer no modo do *endereçamento* [daí a nossa tradução: «”Vem!”; responde-lhe ela chamando-o»]. Eis o que Derrida diz a tal respeito:

«Embora me tenha frequentemente servido da expressão «a língua dada» para falar de uma monolíngua disponível, [...] não há língua dada, ou antes, há língua, há doação de língua (*es gibt die Sprache*), mas uma língua não é. Não é dada. Não existe. Apelada, ela apela, como a hospitalidade do hóspede antes mesmo de qualquer convite. Próxima, ela continua a ser dada, e não persiste senão nesta condição: continuar ainda a ser dada.»<sup>44</sup>

Nestes termos, se é certo a linguagem servir (também) para comunicar, Eco lembra-nos a condição de possibilidade para tal. Com efeito, para Derrida, como aliás para Blanchot e para Lévinas, e diferentemente do que acontece em Heidegger, para quem a própria língua fala («*Die Sprache spricht*») no modo do silêncio, *a palavra é sempre endereçada*<sup>45</sup> – independentemente de chegar, ou não, ao seu destinatário ou destinatária. *A destinerrance*, aquilo a que Derrida chamará *destinerrance*<sup>46</sup> é a condição

<sup>44</sup> Ibid, p. 99.

<sup>45</sup> «Il y a de la littérature dès que quelque chose commence à s’adresser, là où il y a indétermination dans la destination. C’est la racine la plus vieille de la littérature en général d’où naît la littérature au sens classique de ce terme. La littérature commence avec le drame de la destination», J. Derrida in *Les fins de l’homme*, Galilée, Paris, p. 214.

<sup>46</sup> «Un envoi peut donc ne pas arriver à destination, mais justement c’est dans ce drame, dans cette tragédie, que consiste l’origine ou la possibilité de la littérature.», *ibid*, p. 213.

do seu *envio*<sup>47</sup> ... Como o “sim”, espécie de *Urwort* (Rosenzweig) ou de “véspera inegável” (Lévinas, Derrida) da língua, também o “Vem” é assim como que um prefixo da língua – dobra-a, ecografando-a:

«É para te falar da vinda, do que chega ou não chega que te chamei, unicamente. Eu não podia ocupar-me com a vinda antes de dizer *vem*, a ti. Mas poderia eu ter dito, a ti, *vem*, sem saber, sem ter, sem ver antecipadamente o que “vir” quer dizer?

A minha hipótese: não se pode derivar ou construir o sentido, o estatuto, a função, como eles dizem, de *vem*, do evento *vem*, a partir daquilo que se crê saber do verbo *vir* e das suas modificações. *Vem* não é uma modificação de *vir*. [...] Descreve antes o avanço insólito de *vem* sobre *vir*.»<sup>48</sup>

Sumariamente referido, no rastro de Derrida, este «avanço insólito» que figura o registo *eco-gráfico* da *língua* ou da *fala* a partir de um fragmento *literário* que como que “performativamente” o põe em cena, vou agora tentar mostrar este mesmo registo ecográfico a operar na própria filosofia mostrando como, através da sua contra-assinatura de um sintagma banalíssimo da língua francesa – *c’est pas demain la veille* –, Derrida dá e à língua e ao pensamento filosófico<sup>49</sup>.

<sup>47</sup> J. Derrida, «Envois» in La Carte Postale.

<sup>48</sup> «C’est pour te parler de la venue, de ce qui arrive ou n’arrive pas que je t’ai appelée, uniquement. Je ne pouvais pas m’entretenir de la venue avant de dire *viens*, à toi. Mais aurai-je pu dire, à toi, *viens*, sans savoir, sans avoir, sans voir d’avance ce que «venir» veut dire ?

<sup>49</sup> Mon hypothèse: on ne peut pas dériver ou construire le sens, le statut, la fonction, comme ils disent, de *viens*, à partir de ce qu’on croit savoir du verbe *venir* et de ses modifications. *Viens* n’est pas une modification de *venir*. [...] Elle décrit plutôt l’avance insolite de *viens* sur *venir*.», J. Derrida, *Parages*, Galilée, Paris, p. 25.